

A INFLUÊNCIA DA ORALIDADE NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS

Maria Jackeline Rocha Bessa¹

Maria Dayane de Oliveira²

Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra³

RESUMO: No momento em que a criança inicia o processo de aquisição da escrita é bem provável que ela escreva como fala, ou que apresente influências da fala em sua escrita. Partindo desse pressuposto, neste trabalho, objetivamos investigar a influência da oralidade no processo de aquisição da escrita de alunos do Ensino Fundamental de nove anos, mais especificamente, alunos do 6º ano. Para isso, tomamos como referencial teórico autores que trazem discussões pertinentes sobre o assunto, como: Del Ré (2006); Capistrano (2007) e Marcuschi (2008, 2010). O *corpus* do trabalho é constituído por um total de 06 (seis) textos de alunos do 6º ano, de uma escola pública da cidade de Pau dos Ferros-RN. A partir da análise desses textos, procuramos verificar a ocorrência de marcas da oralidade na escrita desses alunos. De acordo com os resultados, as crianças mostram que selecionam ideias e que conseguem transmitir uma mensagem, embora não consigam estabelecer um modelo de texto escrito e discorrer sobre determinado tema com fluência e domínio da escrita, sem precisar recorrer frequentemente ao banco de dados de sua linguagem oral usual. Esses resultados vêm confirmar, conforme as análises realizadas, que a criança, em fase de aquisição da escrita, tende a escrever como fala.

Palavras-chave: Marcas de oralidade. Aquisição da escrita. Ensino fundamental.

¹ Graduanda em Letras, com habilitação em Língua Espanhola. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros. Rio Grande do Norte, Brasil. Endereço Eletrônico: jakyy84@hotmail.com.

² Graduanda em Letras, com habilitação em Língua Espanhola. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros. Rio Grande do Norte, Brasil. Endereço Eletrônico: dayane.uern@gmail.com.

³ Professora do Departamento de Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros. Rio Grande do Norte, Brasil. Endereço Eletrônico: lidianemorais@uern.br.

ABSTRACT: When the child starts his/her written acquisition process he/she is likely to write the way they speak, or a speech influence is present in his/her written production. According to this, this work aims at investigating the influence of the speech during the written acquisition process by nine-years-old students from elementary school, more specifically, students of the 6th year. In order to do this, we have based on authors, such as Del Ré (2006); Capistrano (2007) and Marcuschi (2008, 2010). All of them have given theoretical support for this research. The corpus of this investigation is composed of 06 (texts) from six-grade students from a state school in the city of Pau dos Ferros. Analyzing the texts, we have verified the presence of marks of orality in the written production of those students. The results have pointed out that the children have shown that they are able to generate ideas and transmit their messages, although they cannot master a pattern of written text and discussing about a given topic in fluent an accurate way, without requiring his/her usual oral language. The conclusions of this study just confirm, as the studies indicate, that there are marks of orality on children written production during their written acquisition process. These results confirm, as the analyzes performed, the child, in the acquisition phase of writing, tends to write as he speaks.

Key-words: Marks of Orality. Written acquisition. Elementary school.

1. Considerações Iniciais

As investigações sobre a oralidade nem sempre foram foco dos estudos linguísticos e, somente a partir da década de 1980, começaram a ganhar mais notoriedade, pois, antes, as pesquisas sobre a escrita eram predominantes, enquanto a fala não se constituía enquanto objeto de estudo. Foi assim desde os estudos estruturalistas de Saussure, que não se fechou para os estudos da fala/uso, mas se deteve a estudar a forma/língua. Mas, atualmente, concebe-se uma relação de interação entre fala e escrita dentro do sistema linguístico. É pensando assim, que estudaremos essa relação no decorrer desse trabalho.

Esses estudos ganham mais força quando se passa a ver a influência da fala em textos escritos por crianças em fase de aquisição da escrita. Nesse sentido, estudiosos como Koch (1997 *apud* CAPISTRANO, 2007) afirmam que o texto que a criança tem em mente no processo de aquisição da escrita é o

texto oral, ou seja, falado, o que nos faz entender a escrita como sendo uma extensão da fala, o momento em que o indivíduo escreve da forma como fala.

Outra estudiosa que também se dedica à investigação sobre o processo de aquisição da escrita é Abaurre (1992 *apud* CAPISTRANO, 2007). Segundo a autora, a criança não escreve como fala e seria ingênuo pensar assim, pois, no momento que a criança escreve, ela o faz de forma espontânea, ou seja, o que a autora quer dizer com isso é que, quando escreve, a criança não pensa em escrever exatamente como fala, ela o faz sem perceber.

Levando em consideração as visões desses dois autores, e de outros que tomamos como referência para este trabalho, objetivamos entender o processo de aquisição da escrita de alunos do Ensino Fundamental de nove anos, mais especificamente, alunos do 6º ano, e investigar sobre a influência da oralidade nos textos escritos por esses alunos. O trabalho realizou-se a partir da análise de seis textos de alunos do 6º ano, de uma escola pública da cidade de Pau dos Ferros-RN. Dentre o material coletado, e a partir de uma análise prévia, selecionamos seis textos que atenderiam melhor aos objetivos da pesquisa. Diante dessa premissa de análise, vale ressaltar que não estivemos em sala de aula para observar a forma como a professora orientou a proposta de atividade, mas, a partir da análise, conseguimos identificar que se trata do gênero textual carta, com a temática natalina, conforme observaremos na discussão dos dados.

Para isso, tomamos como referencial teórico os estudos de Del Ré (2006), Capistrano (2007) e Marcuschi (2008, 2010) que vêm trazer visões diferentes sobre a aquisição da escrita e de como a oralidade pode ou não influenciar nesse processo.

É com a visão desses autores e com as análises dos textos que trataremos mais profundamente sobre o estudo das marcas da oralidade na aquisição da escrita. Apresentaremos, a seguir, o Referencial Teórico, em que trataremos da influência da oralidade na aquisição da escrita, de acordo com o que propõem os autores citados acima. No segundo momento, apresentaremos a Análise dos Dados em que procuraremos verificar as marcas da oralidade nos textos escritos. E, em seguida, nas Considerações Finais, retomaremos os resultados obtidos a partir da análise e discutiremos perspectivas de

aplicação para o estudo.

2. Aporte Teórico

2.1. A Oralidade e a Escrita nos Estudos da Linguagem

Ao longo dos anos, os estudos da linguagem foram se desenvolvendo e, a partir da década de 1980, segundo Marcuschi (2010), passaram por uma mudança em relação às três décadas anteriores que viam a escrita e a oralidade como opostas, sendo a escrita predominante. Tanto que os estudos estruturalistas de Saussure, por exemplo, voltavam-se apenas para a análise do sistema da língua e a fala não poderia ser objeto de análise.

Assim, privilegiava-se o código como sendo o principal objeto de análise e via-se a língua como sendo um sistema de regras estruturado, como determinado por Saussure, o que não proporcionava questionamentos sobre outros tantos aspectos, como, por exemplo, a relação entre língua falada e língua escrita e, com isso, não se indagava sobre os usos sociais da língua. Por estar centrado nos estudos estruturalistas de Saussure em que a língua era tida como código, não se concebia a relação entre variação e produção de sentidos, fosse nas formas linguísticas ou na significação. Quando Saussure decidiu priorizar o estudo da língua como um sistema fechado, ele abriu mão de estudar a fala, enquanto sistema aberto.

Atualmente, o que predomina nos estudos sobre a linguagem é que se pode conceber uma relação interativa e complementar entre essas duas modalidades do sistema linguístico, e a língua, por sua vez, é considerada a partir de suas condições de produção e recepção, o que provocou uma guinada nos estudos linguísticos.

Nesse sentido, Marcuschi (2010, p. 17, grifos do autor) traz uma discussão relevante para os estudos sobre a relação entre fala e escrita quando escreve que:

Sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um *ser que fala* e não como um *ser que escreve*. Entretanto, isto não significa que a oralidade seja superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a fala é primária. A escrita não pode ser tida como uma representação da fala.

A discussão que o autor traz torna-se muito pertinente,

pois, no momento da escrita, não se pode reproduzir alguns fenômenos que são próprios da fala como, por exemplo, movimentos do corpo e dos olhos, gestualidades, entre outros. Já a escrita apresenta características próprias e que são ausentes na fala, como, tamanho e tipos de letras, cores, formatos e tantos outros.

Sendo assim, oralidade e escrita são práticas e usos da língua e cada uma tem características próprias, mas não o suficiente para caracterizar dois sistemas linguísticos diferentes, nem uma dicotomia. A fala e a escrita não podem ser tratadas como sendo uma superior à outra. Ainda segundo Marcuschi (2010, p. 21), “A passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem”. Ou seja, a fala apresenta elementos pragmáticos. Esses elementos são as pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes, repetições, ênfases, truncamentos etc., o que dá a ideia que a fala seja desestruturada, de uso simples e informal. Seguindo ainda esse raciocínio, no momento que falamos, usamos todos esses artifícios que são característicos somente da fala, não sendo possível levar para a escrita que, por sua vez, é vista como estruturada, complexa, formal e abstrata. No próximo tópico, trataremos dessa discussão, a partir da visão de outros autores.

2.2. A Influência da Fala na Escrita

Entender a escrita de uma criança que está em processo de aquisição dessa modalidade da língua é um desafio. Por isso, procuraremos mostrar as diferentes visões sobre a segmentação da escrita trazidas por Capistrano (2007) que discute sobre as marcas de oralidade presentes na escrita de crianças em fase de aquisição.

Com isso, começaremos por mostrar a visão de Koch (1997 *apud* CAPISTRANO, 2007) que vem dizer que, quando a criança está no processo de aquisição da escrita, o modelo de texto que ela tem é o de texto oral, ou seja, a criança escreve da maneira como fala, o que é visto pela autora como interferência da fala na escrita. Um exemplo dessa interferência pode ser percebido quando a criança fala “amelhor” ao invés de “melhor” ou “convocê” ao invés de “com você”, como mostra o texto de Capistrano (2007). Nesses exemplos, podemos observar como

as marcas de oralidade estão presentes na escrita de crianças do 6º ano em processo de aquisição da escrita, principalmente porque elas não conseguem diferenciar a passagem do falado para o escrito. Nesse momento dos primeiros contatos com a escrita, as crianças não param para pensar como escrever, pois ainda não têm uma noção clara do que seja a escrita e, assim, elas escrevem exatamente como falam, o que justifica essa interferência como sendo natural nesse momento.

Quanto aos erros ortográficos, Cagliari (1993 *apud* CAPISTRANO, 2007) aponta que, para as crianças em fase de aquisição, eles não seriam insuperáveis ou difíceis de corrigir, seriam, na verdade, um processo de aprendizagem pelo qual a criança passa. O autor coloca que “a criança não procura copiar, mas representar o que ela imagina que seja a escrita” (CAGLIARI, 1993 *apud* CAPISTRANO, 2007, p. 10). Ou seja, quando a criança escreve, ela imagina que o certo seria escrever da mesma forma que fala, e o som que sai da fala é representado pela criança na escrita. Durante o processo de aquisição da escrita, a criança não consegue entender que não se pode escrever como se fala e, por isso, às vezes, a criança fala “fui ao banheiro” e, como na fala, as três palavras são pronunciadas juntas, a criança escreve tudo junto também, como no exemplo: “fuiabanhheiro”.

O autor ainda coloca que “Os problemas de segmentação da escrita são dispostos em dois subgrupos: juntura intervocabular e segmentação indevida” (CAGLIARI, 1993 *apud* CAPISTRANO, 2007, p. 10). No primeiro subgrupo, o autor refere-se ao fato da fala ser separada somente pela entonação, o que faz o falante juntar todas as palavras. Um exemplo seria “eusoucrente” (eu sou crente). Já o segundo subgrupo trata dos casos não convencionais em que a criança separa a sua escrita devido à acentuação gráfica, o que torna a escrita incorreta do ponto de vista ortográfico, como no exemplo a seguir: “a migo” (amigo) ou “em bora” (embora). Desse modo, a segmentação escrita não convencional associa-se à relação indevida, porém, necessária, que a criança estabelece entre a fala e a escrita. Nesse sentido, Capistrano (2007, p. 11) afirma que [...] “as crianças imaginam que a escrita seja, inicialmente, uma representação da fala”. No momento em que acontecem essas segmentações não convencionais, a criança estaria tentando representar os aspectos da fala.

Dessa forma, poderíamos formular hipóteses de que a segmentação é resultado do que a criança imagina ser a escrita. Ainda de acordo com Capistrano (2007), as crianças sabem diferenciar a escrita da fala ao entrarem na escola, pois, na escrita de um aluno, pode se perceber estruturas que são típicas da escrita. Ou seja, o aluno não somente escreve pensando na fala, ele tem um jeito próprio de escrever que se diferencia da fala/oralidade.

Ainda com relação à segmentação da escrita, Abaurre (1992 *apud* CAPISTRANO, 2007, p. 13) apresenta três pontos pertinentes. O primeiro é “[...] a afirmação de que seria ingênuo supor que as crianças escrevem como falam”, pois quando se escreve, ninguém se programa para escrever como fala, ou seja, a criança, no momento de escrever, não pensa na escrita como reflexo da fala, ela simplesmente escreve o que vem no pensamento. Nesse sentido, a visão de Capistrano (2007) sobre o assunto parece ser mais aceitável, quando defende que a criança deve compreender essa diferença entre escrita e fala e que nem sempre todas as palavras podem ser escritas da maneira como são faladas.

O segundo ponto colocado por Abaurre (1992 *apud* CAPISTRANO, 2007), e que nos parece bem pertinente, é quando a autora defende que um maior ou menor contato da criança em atividades convencionais de escrita em meio ao contexto em que ela está inserida faria com que essa criança ficasse mais ou menos atenta aos aspectos convencionais da escrita. Em outras palavras, seria, por exemplo, uma criança que está em contato direto com a escrita poderia demonstrar um melhor desempenho na hora de escrever, pois o meio em que ela está inserida, segundo a autora, influencia no seu desempenho. Já uma criança que não está inserida em um contexto onde a escrita está sempre em uso tende também a não se desenvolver na escrita. Dessa forma, pode-se entender que a criança passa a aprender o que está ao seu alcance no dia a dia, ou seja, a interação que a criança tem com o meio é extremamente importante para o desenvolvimento de sua escrita.

No terceiro ponto, a autora afirma que a escrita espontânea de uma criança, distante do modelo escolar, pode ser mais propícia a um possível aparecimento de segmentação escrita não convencional. Sendo assim, uma criança que escreve de forma espontânea, ou seja, quando é dela a responsabilidade

do que vai escrever, sem que tenha recebido orientação, indicação de tema pelo professor, por exemplo, está mais propensa a apresentar segmentações não convencionais, diferentemente dos textos em que a criança representa ou busca representar um modelo de texto ensinado pela escola, que seria mais propício à segmentação convencional esperada.

Outro autor que traz uma importante discussão sobre marcas de oralidade na escrita é Corrêa (1997 *apud* CAPISTRANO, 2007 p. 30) quando coloca que “[...] embora seja necessário reconhecer metodologicamente a diferença entre oral e o escrito, esse reconhecimento não deveria implicar a postulação de uma oposição radical entre o oral/falado e o letrado/escrito”. Em seus estudos, ele afirma que não se deve colocar em oposição o escrito e o falado, não de forma tão radical como postulam alguns autores, como Abaurre (1992 *apud* CAPISTRANO, 2007) que afirma que seria ingênuo acreditar que as crianças escrevem como falam.

Podemos citar, ainda, outros autores, como Corrêa (1997), Koch (1997) e Cagliari (1993), que postulam que há uma interferência da fala na escrita de crianças em fase de aquisição, o que discutiremos na análise dos dados, a partir da qual observaremos a presença, ou a influência, de marcas de oralidade nos textos selecionados.

3. Análise dos Dados

As produções textuais que constituem o *corpus* da pesquisa foram orientadas pela professora da turma, e tiveram como objetivo trabalhar o gênero textual carta, a qual deveria ser escrita a um colega de classe, com a temática natalina, uma vez que a turma se encontrava em período de conclusão do ano letivo escolar, o qual coincidiu com o final do ano. Partindo desse pressuposto, a análise se deterá à percepção e à investigação sobre o processo de aquisição da escrita de alunos do ensino fundamental, especificamente do 6º ano, buscando a presença ou a influência de marcas de oralidade em suas produções textuais. No decorrer da análise dos seis textos selecionados, dentre as demais produções coletadas, será possível observar, a partir da análise, como as crianças no processo de aquisição da escrita estão sujeitas à ocorrência desse tipo de interferência da fala na escrita. É pensando nessa discussão que

procuramos mostrar a partir das análises esse tipo de interferência. Observemos a discussão dos dados a seguir:

TEXTO I

Na produção textual a seguir, as marcas de oralidade presentes na escrita do aluno evidenciam que o mesmo escreve da forma como fala, como mostra a produção textual, “se abegue a Deus que ele e muito legal mesmo *então* beijos e...”. Podemos observar ainda neste fragmento mais especificamente na palavra destacada em *italico* como a oralidade está presente na escrita do aluno. Nesse sentido, Koch (1997 *apud* CAPISTRANO, 2007) vem dizer que isso ocorre porque, no processo de aquisição da escrita, o modelo de texto que a criança tem é de texto oral. A frase que a criança escreve é da mesma forma como normalmente se fala, ou seja, é uma representação da fala. A esse respeito, Marcuschi (2010) diz que, no momento da escrita, não podemos reproduzir o que é característico da fala como gestualidade, movimentos do corpo, dos olhos, entre outros. O que faz com que nosso interlocutor não consiga entender o que estamos querendo dizer no momento que escrevemos. Assim, no momento da escrita, o aluno acaba usando esse artefato para transmitir informação.

Além disso, podemos observar também que o aluno apresenta ter dificuldades de escrita, pois, em vários momentos, ele se perde na organização estrutural das ideias e joga as frases soltas, sem sentido. Vejamos o texto:

Pau dos ferros

Data 28/12/2011

Para: Maria do Carmo,

Oi, Maria

A professora me mostrou a carta que você me escreveu achei muito legal e manto o que você mandou para mim vai começar.

Tudo de bom para você, boa sorte nas provas que vão vim para nós todos e que seus pais tem muito orgulho de você e se **abegue** muito com Deus que ele é muito legal mesmo **então** beijos e uma boa sorte no seu futuro para Maria do carmo!!!

TEXTO II

Como podemos observar na seguinte produção textual, a aluna apresenta ter um domínio de escrita. O texto apresenta continuidade de ideias, tanto que conseguimos identificar o emprego de um elemento cognitivo “então”, ligando dois termos existentes no texto.

Mas o fato que chama atenção, e que é ponto para nossa análise, são as marcas de oralidade presentes na produção escrita pela aluna. Ela escreve “ah, já ia esquecendo, ele mandou dizer te amo”. Como podemos observar, a aluna escreve da forma que normalmente se fala. Seria o que Marcuschi (2010) diz ser a passagem de uma ordem para outra, ou seja, a fala apresenta elementos pragmáticos. Esses elementos são as pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes, repetições, ênfases, truncamentos e etc. como na expressão usada pela aluna, quando ela diz “Ah, já ia esquecendo, ele mandou dizer te amo”. Observe que o truncamento logo no início da expressão “Ah” e a pausa existente “já ia esquecendo” são marcas que evidenciam a transferência de elementos da fala para a escrita.

Como foi dito anteriormente, ela escreve apresentando continuidade de ideias, usando conectivos para ligar um termo ao outro e, de repente, ela para e escreve “ah, já ia esquecendo, ele mandou dizer te amo”, o que mostra ser uma marca visível de oralidade. Como podemos ver a seguir:

Pau dos Ferros 17 12 11
querida amiga= caríne
você sabia que no relógio de Deus não existe hora pra falar com as
pessoas especiais.
Então pedir a ele que te protegesse e te desse saúde **ah, já ia
esquecendo** ele mandou dizer te amo.
abraços Te desejo um feliz natal.
Te adoro.

TEXTO III

Na segunda linha do texto, as interferências da fala saltam aos olhos de maneira clara e incontestável mais uma vez, quando o aluno escreve da forma como fala, e utiliza-se de interferências configuradas como problema de segmentação gráfica, por exemplo, quando a criança escreve “amelhor” junto, ou seja, a criança faz uma junção do artigo “a” com o adjetivo “melhor” ao invés de “a melhor”, mostrando, assim, marcas de oralidade que Koch (1997 *apud* CAPISTRANO, 2007) afirma ser uma interferência da fala na escrita. A autora, nesse sentido, ainda coloca que, na aquisição da escrita, o texto que prevalece é o texto oral. Pensando assim, pode-se entender a escrita desse aluno como tendo uma interferência da fala, pois, muitas vezes, falamos tão rápido que o artigo é pronunciado junto com a palavra e isso pode ser transferido para a escrita. Se levarmos em conta que se trata de uma criança em processo de aquisição da escrita, esse fato é ainda mais recorrente, como no exemplo mostrado. Cabe ainda observar que posteriormente o aluno escreve trocando apenas o artigo “a” pelo “o”, escrevendo, assim, a expressão “o melhor” de forma correta, ou seja, com as duas palavras separadas.

Podemos identificar também nesse texto que o autor não tem domínio da escrita, pois as ideias aparecem soltas, sem continuidade. Observemos o texto escrito pelo aluno:

Querida Amega Bruna MiKaelle você foi **amelhor** amiga que eu já teve mo ano todo voce ester eu quero que você e sua **fanelha** teja **o melhor** natal do mundo teja omelhor ano novo.

FELIZ NATAL

TEXTO IV

O que podemos observar nesse texto é que a aluna consegue expor sua ideia ao escrever, que é a de desejar um feliz natal e falar sobre a amizade que existe entre ela e uma coleguinha. No entanto, o que chama atenção é a forma como as marcas da oralidade estão empregadas no texto dessa aluna.

Maria Jackeline Rocha Bessa, Maria Dayane de Oliveira e Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra

Primeiro, ela escreve “temandei” junto, ao invés de escrever “te mandei”, mostrando, assim, uma escrita que lembra a fala. Seguindo a leitura do texto, na quinta linha, a aluna mostra outra marca da oralidade quando escreve “há talvez eu possa te dar um presente...”. Podemos observar que são marcas diferentes: na primeira, ela escreve duas palavras juntas, o que poderia ser qualquer outra, como, por exemplo, “aloja”, “ocarro”, etc., já na segunda, a aluna mostra uma marca típica da fala quando apresenta uma linguagem que não é formal, quando usa uma expressão típica da fala “**há talvez** eu possa te dar um presente...”. Assim, no primeiro momento, a criança passa pelo processo de interferência de segmentação gráfica, citado por Koch (1997 *apud* CAPISTRANO, 2007). Já no segundo momento, segundo Marcuschi (2010), ela utiliza-se de uma expressão perfeitamente aceitável dentro da modalidade da fala, na qual a gestualidade, os sons, o corpo físico, ajudam a transmitir a mensagem, diferentemente da modalidade escrita que não nos permite utilizar de tais elementos comunicativos. Esses dois exemplos estão no texto que iremos mostrar a seguir:

De: Niafly

Para: Ester

Pau dos Ferros RN: 17:12:11

Querida amiga Ester **temandei** essa carta te dizendo um feliz natal, Ester você é uma boa amiga é divertida, engrasada, sinto muita amizade por você e Tedesejo muita felicidade com sua família e com seus amigos(a) **há talvez** eu possa te dar um presente se eu ti ver no natal você é uma amiga de verdade espero te ver no ano que vem um abraço tchau.
Beijos e Abracos

TEXTO V

Observa-se que, neste texto, a aluna apresenta, de maneira frequente, as marcas da oralidade decorrentes das interferências da fala na escrita. Assim, podemos identificar que não há apenas uma pequena interferência, mas há uma dificuldade que salta aos olhos do leitor, pois a aluna não consegue estabelecer a ponte de transferência de uma ordem

para outra, ou seja, ela não distingue a fala da escrita. Porém, a autora discorre a escrita do texto de maneira formal, até que apresenta uma marca típica da fala quando escreve “que Deus nunca vai nos deixar **não é mesmo**”. Percebemos que o trecho destacado é uma expressão típica da fala. Assim, no momento em que ela transfere para o texto escrito uma marca inerente à fala, torna-o informal. Além da forma como ela organiza a escrita.

Local: Pau dos Ferros

Data: 28/12/11

Destinatário: Davi

Davi é um ótimo amigo é muito legal Que voce seja feliz em 2012 e para toda sua família. Seja muito alegre é nunca pare de sorrir Vou sentir muita saldades de Você

E tambem mim deseja um feliz 2012 é um otimo ano novo é que Deus estar sempre em nos corações. Que deus nunca vai nos deixa **não é mesmo**. Vou partir e saudade fica

Feliz 2012

Um grande abraço Querido Amigo

TEXTO VI

Em análise a esse texto, pode-se observar como o aluno apresenta dificuldades para desenvolver sua escrita. No entanto, o que mais nos chamou atenção foi o fato dele escrever a palavra “amigo” de forma separada: “**a migo**”. Esse fenômeno é colocado por Cagliari (1993 *apud* CAPISTRANO, 2007) como sendo relacionado aos casos de segmentação da escrita não convencionais em que a criança separa sua escrita devido à acentuação gráfica. Durante o texto, podemos observar que o aluno escreve, em certos momentos, a palavra “amigo” sem separá-la, por isso, pode-se considerar também a possibilidade de que, neste caso, o aluno apenas tenha sido desatento com sua escrita, considerando-se o fato de que ele fez uso da mesma palavra em outros momentos do texto de maneira correta, conforme o texto mostra nas linhas três e onze. Vejamos a seguir:

Maria Jackeline Rocha Bessa, Maria Dayane de Oliveira e Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra

Pau dos Ferros

Para Leogges

/22/12/11

A migo quero derse que você é muito especial para mim. Eu te adoro, voce vai ser meu amigo para sempre do coração

Eu gosto muito de estudar com voce e muito legal e carinhoso e especial feliz natal para voce e que voce seja feliz com sua família e feliz ano novo que voce não se esgueca de mim de adoro amigo um a braço Para voce

4. Considerações Finais

A análise dos textos escritos pelas crianças do 6º ano, em fase de aquisição da escrita vem confirmar nossas hipóteses, fundamentadas na discussão teórica apresentada anteriormente, de que a fala exerce uma influência significativa na escrita e que, conseqüentemente, as crianças em processo de aquisição da escrita sofrem inúmeras interferências por parte da oralidade como mostrado nos textos por elas produzidos.

Nesse sentido, os resultados obtidos com a análise dos dados apontam a presença de marcas da oralidade na escrita dos alunos, o que nos faz corroborar com o pensamento de Koch (1997 *apud* CAPISTRANO, 2007) quando coloca que essas marcas vêm afirmar que a criança, em processo de aquisição da escrita, tem como modelo de texto o texto oral, ou seja, a criança escreve como fala, e é exatamente este ponto que se sobressai em nossas análises, já que todos os textos apresentaram marcas ou traços característicos da oralidade.

As marcas apresentadas nos textos analisados poderiam ser escritas por qualquer criança, uma vez que ela representa na escrita, expressões como “amelhor” para “a melhor”, assim como também poderia escrever “amais” para “a mais”, ou utilizar em seu texto expressões geralmente empregadas em uma linguagem mais coloquial como, por exemplo, a aluna do texto V que escreve “que Deus nunca vai nos deixar não é mesmo...”. O emprego destas marcas pode ser atribuído às interferências da linguagem oral na linguagem escrita.

Nos textos analisados, as crianças mostram que selecionam ideias e que conseguem transmitir uma mensagem,

o que elas não conseguem é estabelecer um modelo de texto escrito e segui-lo, ou seja, discorrer sobre determinado tema com fluência e domínio da escrita, sem precisar recorrer frequentemente ao banco de dados de sua linguagem oral usual.

Os textos apresentam, também, erros ortográficos como, por exemplo, “se abegue” para “apegue-se”, “fanelha” para “família”, entre outros, que não deveriam se repetir com tanta frequência entre alunos que se encontram no 6º ano, mas que, segundo Cagliari (1993 *apud* CAPISTRANO, 2007), não são erros irreparáveis ou difíceis de corrigir, seria um processo de aprendizagem pelo qual a criança passa. Além disso, a autora coloca ainda que a criança acredita que deve representar na escrita o modo como fala, que o certo é escrever de acordo com o som que sai da fala, este, por sua vez, é então materializado na escrita, porque a criança em processo de aquisição não consegue entender que não se deve escrever como se fala.

Nesse momento, torna-se importante salientar também que, apesar de apresentarem marcas da oralidade, os textos analisados apresentam estrutura de textos escritos, ou seja, mesmo fazendo uso de marcas da oralidade, as crianças estavam produzindo na forma escrita, o que fica claro pelas características típicas da linguagem escrita, considerando que todos os textos são cartas escritas aos colegas de classe, a partir de uma atividade de produção de texto encaminhada pela professora, com o objetivo de trabalhar o gênero textual carta, com a temática natalina. Além disso, a criança tem uma maneira própria de escrever, que se diferencia da fala. Capistrano (2007) vem defender que a criança deve compreender a diferença entre escrita e fala, e que nem todas as palavras são escritas da mesma forma como são faladas, o que nos parece acontecer nos textos que não estão completamente desestruturados, pelo contrário, apresentam uma estrutura que nos faz inferir que essas crianças têm sim consciência da diferença entre escrita e fala, tanto que elas não escrevem todas as palavras da maneira como falam, o que falta nos textos é a organização de ideias, e o emprego adequado de algumas palavras e/ou expressões que sofreram interferência da linguagem oral.

Como uma possível solução a estas interferências da linguagem oral na linguagem escrita, podemos colocar, apoiadas em Abaurre (1992 *apud* CAPISTRANO, 2007) que, se as crianças

Maria Jackeline Rocha Bessa, Maria Dayane de Oliveira e Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra

forem inseridas em um contexto no qual elas tenham maior contato com atividades convencionais de escrita, elas provavelmente poderão apresentar um melhor desenvolvimento em seu desempenho escrito, o que seria convencional, já que a criança é influenciada de acordo com o contexto no qual está imersa, e passa a absorver tudo aquilo que está ao seu alcance.

Como perspectiva de aplicação para esta pesquisa, acreditamos que estes resultados possam ser levados ao contexto da sala de aula, como forma de fazer com que os professores possam rever as orientações dispensadas às atividades com a escrita, buscando uma reflexão sobre a sua funcionalidade, bem como sobre o entendimento de que os desvios apresentados pelas crianças em fase de aquisição são partes constituintes de um processo que caracteriza a atividade de escrever.

Referências Bibliográficas

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1997.

CAPISTRANO, C. C. *Segmentação na escrita infantil*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Texto e linguagem).

DEL RÉ, A. *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

FÁVERO, L, L.; ANDRADE, M, L, C, V, O. & AQUINO, Z, G, O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2009.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. 26 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

XAVIER, A, C. CORTEZ S. *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005.

Recebido em: 15/08/2012 - Aprovado em: 02/12/2012